

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO – CETREDE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DO ENSINO E
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

**FORMAÇÃO CONTINUADA:
PROVOCAÇÃO DE MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

ANTONIA HAYDÉE BOMFIM MORAIS

**FORTALEZA – CEARÁ
2003
FORMAÇÃO CONTINUADA:
PROVOCAÇÃO DE MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

ANTONIA HAYDÉE BOMFIM MORAIS

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação como exigência parcial para obtenção do título de Especialista pela Universidade Federal do Ceará, na área de concentração de Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem sob a orientação da Prof^a Neide Fernandes Monteiro Veras.

FORTALEZA – CEARÁ

2003

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos professores da Educação Básica, por acreditar que eles estão sempre abertos à Formação Continuada como um projeto de vida. Empenhados no movimento da dinâmica da vida humana e profissional e na perspectiva de tornar a Escola o agente por excelência do processo educativo, nesta era da supervalorização do conhecimento, mas, também, em face do apelo ao desenvolvimento do sujeito na relação com os demais.

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Especialista em Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Antonia Haydée Bomfim Morais

MONOGRAFIA APOVADA EM : ____/____/____

Neide Fernandes Monteiro Veras

- À professora Neide Fernandes Monteiro Veras os mais sinceros agradecimentos, como orientadora desta Monografia, pela sua disponibilidade e abertura na partilha de conhecimentos.
- Aos professores de várias Escolas Particulares e Públicas, companheiros de luta, que acreditam na educação, e dedicaram parte de seu tempo para responder diversas questões, que ajudaram na reflexão do objeto de estudo desta Monografia.
- Aos colegas da academia que contribuíram de maneira significativa na socialização do saber e pela convivência saudável durante a realização do curso.
- Aos meus queridos pais, já idosos, compreenderam a importância do Curso para minha vida profissional e me deixaram momentos a sós para as leituras, reflexões e construção da Monografia.

“Educadores e educadoras, ai daqueles e daquelas entre nós que pararem com a capacidade de sonhar, inventar, de enunciar e anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã se atrelam a um passado de rotina, do que não deu certo, das desesperanças”. Paulo Freire

SUMÁRIO

RESUMO	07
1 INTRODUÇÃO	08
2 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO CONTINUADA.....	12
2.1 A educação no contexto atual da sociedade.....	12
2.2 A Formação Continuada: Provocação de Mudança na Educação Básica	18
2.3 Políticas Públicas voltadas para Formação Docente.....	30
2.4 Escola – mudança sinalizada com a Formação Continuada	34
2.5 Percepções de professores sobre a Formação Continuada	42
2.6 Procedimentos Didático-Pedagógicos para a Formação Continuada dos docentes da Educação Básica	46
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
ANEXOS	56

RESUMO

A reflexão proposta nesta monografia é mais um desafio a ser desvelado quanto à formação continuada do docente, dos contextos sociais, políticos, econômicos e educacionais desde o aspecto mais amplo ao mais local, além da própria instituição escolar, onde o cotidiano dos que fazem a escola é vivenciado e construído. As concepções de teóricos da educação foram os suportes para a reflexão sobre a formação continuada do docente, como também as concepções de vários educadores-professores de escolas públicas e particulares em Fortaleza/CE, que por questões éticas seus nomes foram preservados. A formação continuada desenhada neste trabalho é voltada para o professor reflexivo, por se considerar que as mudanças consistentes e competentes acontecerão com um novo paradigma de professor, e, conseqüentemente um novo rosto institucional de escola nascerá. O insistente exercício do pensar esta modalidade de educação se prende a convicção de que a formação continuada provocará mudanças na educação básica, a partir do repensar sobre as contradições, as diferenças, as necessidades dos educadores e dos educandos. Finalmente, uma leitura de mundo, de pessoa e das práticas escolares, na busca de respaldo nos saberes científicos e escolares, será envidada. Acredita-se que o processo se consolida na reflexão de onde emerge uma ação. Por sua vez, da ação emerge novas reflexões, processo ciclo, contínuo, pessoal e coletivo, onde a construção do saber é um constante *vir a ser*. A reflexão objeto de estudo gerou uma proposta de educação continuada com o intuito de socializar e partilhar os saberes culturalmente acumulados, construir novos saberes a fim de que seja experimentada tal como foi concebida ou com adaptações de acordo com as realidades de cada professor e de cada escola. É uma proposta aberta a contribuições, respeitando a essência e os princípios de uma educação renovada e renovadora.

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Este trabalho monográfico do Curso de Especialização em Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem, ministrado pela Universidade Federal tem como eixo temático: Formação Continuada - Provocação de Mudanças na Educação Básica.

Esta reflexão está presente no contexto histórico do processo educativo, principalmente, no espaço onde o ensinar e o aprender têm espaço físico e social. E por considerar que a Formação Continuada é importante e necessária, principalmente hoje, em que se vive em um mundo plural, cheio de controvérsias e grandes mudanças focalizadas e universais.

Acredita-se que a Formação Continuada legitimada numa posição política, provocará mudanças de excelência no processo educativo da Educação Básica, porque levantará questões bastante inquietadoras, no movimento dialético das mudanças, em um espaço que ainda a educação possui, mesmo com novos ingredientes que fluem neste mundo da valorização tão forte do mercado.

O tema em foco, circula bem no âmbito acadêmico, e existem vários autores que refletem sobre a Formação Continuada, no qual este trabalho terá como referências básicas.

Algumas questões foram levantadas, na tentativa de respondê-las no decorrer do trabalho, no enfoque da Formação Continuada dos docentes na Educação Básica, em Escolas Públicas e Privadas.

1.2 QUESTÕES INVESTIGADAS

- Qual o cenário atual em que está inserida a educação?
- Como se configura a Formação Continuada à luz da literatura?
- No Brasil, quais as diretrizes e políticas da Formação Continuada na legislação e discursos oficiais?

- Que paradigma de Escola sinaliza a Formação Continuada?
- Como os docentes da Educação Básica (pública e privada) percebem a Formação Continuada?
- No Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) ou o Regimento Interno, e/ou outras diretrizes contemplam a Formação Continuada dos Docentes?
- Que procedimentos didático-pedagógicos podem ser considerados como adequados à Formação Continuada do Docente na Educação Básica?

A reflexão sobre a Formação Docente ao mesmo tempo em que não é recente, é também atual. Em toda a História da Educação tem sido questionada como são formados os professores. E atualmente, nos últimos anos, a Formação do Docente tem se apresentado como uma das reflexões mais pertinentes, pois recai sobre a qualidade do ensino, a evasão e reprovação. Sabe-se que o problema não está somente neste foco, mas tem um peso muito grande, pelo significado de ampliação do universo cultural e científico daquele que ensina, dadas exigências culturais e tecnológicas da sociedade.

No entanto, a expressão “Formação Continuada do Professor” traz no bojo de toda a reflexão uma questão central. O que é formar? No dicionário do Aurélio: formar significa dar a forma à (algo), constituir, compor.

No terreno das representações, surge como fundamental quando se indaga acerca dos pressupostos que orientam as ações no campo da Formação Docente: a perspectiva de formar como um processo que proporciona referências e parâmetros, superando a tentação de modelar uma forma única. O formar que é proposto nessa reflexão não é pôr todos os docentes em uma fôrma, ser igual, mas um formar que provoque uma postura crítico-reflexiva, em um espaço para o olhar o mais variado de possibilidades da pessoa do professor, vislumbrando novos paradigmas instigadores, provocadores de mudanças pessoais e coletivas.

E nesta concepção de olhar o “formar”, acompanha o “continuar”, que significa sempre, durante toda a vida, independente de faixa etária, de classe social, de raça, de status socioeconômico. Um pressuposto que sinaliza que o ser humano é inacabável. Estar sempre se formando, se fazendo, se tornando, se construindo, se reconstruindo...

No cenário atual, o professor é provocado a sair da acomodação, para dar um novo significado ao seu aprendizado, pois corre o risco de ser marginalizado pela própria sociedade. O mundo mudou, e a escola que já era insuficiente não consegue corresponder às exigências desse novo mundo.

É de suma importância que o professor tome consciência da necessidade de estar se formando continuamente, considerando um espaço que legitima o ser em eterno processo de aprendizado.

E que este aprendizado seja como a metáfora da teia que tece novos conhecimentos no contexto da contemporaneidade, com novos significados, novas posturas e novas competências.

O professor precisa abrir novos horizontes e saber que o domínio do conteúdo não se restringe mais ao conhecimento consistente de uma área específica, mas exige que esse conhecer se articule com outros saberes e práticas, criando espaços para uma produção que vai além das fronteiras disciplinares. É a busca de um conhecimento técnico-científico inter e transdisciplinar (Fazenda, 1996).

A formação do docente deve ser considerada em pilares que abranjam o professor na sua totalidade. Um ser humano, aberto aos sinais dos tempos. Uma formação que permita ao professor tomar consciência de sua historicidade. Uma pessoa preparada para se compreender a si mesma e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo. A compreensão deste mundo passa evidente, pela compreensão das relações, em que o ser humano se interage com o meio ambiente. Uma formação que dará um salto de qualidade ao processo ensino-aprendizagem, fazendo com que a Escola incorpore novos paradigmas.

O trabalho monográfico objetiva contextualizar a Formação Continuada no cenário sócio-político-econômico atual, averiguar como acontece o sistema de Formação Continuada em escolas (públicas e privadas) e propor procedimentos didático-pedagógicos considerados adequados à Formação Continuada, visando à melhoria da Educação Básica, na perspectiva de uma educação que sinaliza mudanças, para o desenvolvimento da pessoa na sua dimensão coletiva, no contexto do conhecimento, de novos saberes pedagógicos, na sociedade de rápidas transformações.

Procedimento metodológico escolhido:

- utilização de um questionário, como instrumento para colher dados, aplicado a um grupo de professores de duas escolas públicas e três escolas particulares; análise dos dados coletados;
- revisão e análise de publicações sobre Formação Continuada e
- elaboração de uma proposta para a Formação Continuada na Educação.

2 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO CONTINUADA

2.1 A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO ATUAL DA SOCIEDADE

Para compreender a educação hoje, é importante fazer uma leitura do contexto histórico da sociedade. Uma sociedade em mutação, uma sociedade pluralista, uma sociedade no movimento dinâmico do mundo focalizado e do mundo universal, uma sociedade com muitas contradições.

O processo histórico está ancorado nas formas como o homem e a mulher falam, pensam e agem. A história torna-se dialética, porque é usada para distinguir o presente enquanto dado e o presente enquanto portador de possibilidades de emancipação (GIROUX, 1997).

Segundo o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI: *A rápida transformação das sociedades humanas, na junção de dois séculos, dá-se em dois sentidos: no sentido da mundialização e também na busca de múltiplas raízes particulares.*

A sociedade atual experimenta grandes e complexas mudanças de forma acelerada. Diante deste contexto, surgem choques, considerados motores, pelo fato de exercerem influência na educação. Os choques da informação, necessidade de dupla adaptação aos novos meios tecnológicos e às transformações das condições de trabalho, choque da globalização, das mudanças nas relações financeiras, tendo efeitos no mercado de trabalho e choque da civilização científica e técnica, com avanços da aplicação nos métodos de produção, com a geração de equipamentos sofisticados.

O progresso científico e tecnológico faz surgir um sentimento de ameaça, despertando receios irracionais na sociedade.

Percebe-se que no limiar do século XXI, as comunicações unem toda a sociedade, a tecnologia abre novas possibilidades de conhecimento e criatividade e os mercados penetram em todos os espaços sociais. Mesmo com a apresentação deste cenário, que poderia suscitar esperanças, calcula-se

principalmente, hoje, na América Latina e no Caribe, que há pelo menos 180 milhões de pessoas vivendo na pobreza e 80 milhões sobrevivendo na miséria (Carta dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina, México, 1996).

As disparidades foram acentuadas pela competição entre as nações e os diferentes grupos humanos: a desigualdade na distribuição dos excedentes de produtividade entre os países e até no interior de alguns países considerados ricos, revela que o crescimento aumenta a separação entre os mais dinâmicos e os outros. Com isso, alguns países ficam esquecidos na corrida pela competitividade. As disparidades explicam-se, em parte, pela disfunção dos mercados e pela natureza, intrinsecamente desigual do sistema político mundial.

Segundo Schugurensky, (1999) as promessas do modelo neoliberal de que o “efeito cumulativo” eventualmente redundaria em benefícios para todos, o crescimento sustentado da economia global das últimas décadas beneficiou principalmente a uma pequena elite. O “efeito cumulativo” foi mais um efeito “aspirador”: de cada cem dólares de crescimento econômico, US\$ 86 (dólares) ficam com os 20% mais ricos da humanidade e, somente, US\$ 1,10 (dólar) termina nas mãos dos 20% mais pobres.

Segundo o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI: a Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social realizada em Copenhague de 6 a 12 de março de 1995 traçou um quadro alarmante da situação social atual, recordando em partícula que “no mundo, mais de um bilhão de seres humanos vivem numa pobreza abjeta, passando, a maior parte deles, fome todo os dias”, e que “mais de 120 milhões de pessoas no mundo estão oficialmente no desemprego e muitas mais ainda no subemprego”.

E a humanidade constrói e reconstrói a sua história, desenhando novos elementos que respondam às necessidades e anseios, numa sociedade caracterizada pela pós-modernidade num mundo que se tornou global; em um sistema que prioriza o mercado, em supremacia do lucro. E a individualidade, neste contexto é a que predomina, enfraquecendo as ações coletivas.

Hoje, o contexto, parece ser mais de desencanto do que encanto, justamente pelo cenário mundial de tantas exclusões sociais, da persistência

das desigualdades, do imperialismo de alguns países, que se consideram os senhores do planeta, retirando dos países pobres a sua soberania, criando uma escravidão sofisticada, tão indesejada no passado. As tensões estão latentes, não só como consequência do passado, mas do presente, como a que aconteceu com a guerra : Iraque X Estados Unidos - Inglaterra. Em que várias pessoas perderam e perdem suas vidas, em que a dignidade foi e é ferida, em que se estabelece o ódio, os saques, a alegria para alguns e a tristeza e incerteza para outros. E o mundo no seu processo histórico, encara as tensões entre o global e o local, entre o universal e o singular, entre a tradição e a modernidade .

E neste mundo de globalização, o conceito de "inédito viável", como expressa Paulo Freire, permite que haja uma aproximação da globalização neoliberal a partir de uma perspectiva crítica, rechaçando seus elementos negativos e resgatando seu potencial para construir uma ordem social diferente. Nesta perspectiva, a denúncia da ordem social vigente é complementada com o anúncio de um modelo de globalização solidária, baseado na justiça social, no respeito à natureza e à participação e não exclusivamente em taxas de lucro.

O processo de construção dessa visão e a realização prática de seus princípios fundamentais no cotidiano local constitui em si mesmo um exercício de participação cidadã e sinaliza um certo encantamento pela recusa de uma “educação bancária”, que somente reproduz, impotente diante de uma sociedade padronizada.

Uma educação com coesão procura considerar a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, evitando tornar-se mais uma, na relação do processo de exclusão social.

O momento atual, marcado pelo tempo da globalização, do capital e do trabalho e da revolução tecnológica, pela organização da sociedade do conhecimento, o mundo do trabalho, vem exigindo dos trabalhadores um preparo mais aprimorado do que era exigido na época da revolução industrial. Neste sentido é necessário que o processo do aprender seja contínuo, como marca de uma sociedade aprendente.

A educação na visão de Paulo Freire torna-se tanto ideal quanto referencial de mudança a serviço de uma nova sociedade (GIROUX, 1999).

A educação é um processo fundamental para o homem porque, ao contrário dos outros animais, o indivíduo humano não recebe na sua herança genética toda a herança acumulada pelas gerações anteriores no seu processo de ação sobre a realidade. Sendo assim, aquilo que caracteriza, de fato um indivíduo humano, do ponto de vista histórico e social é o seu “ser genético”, ou seja, a herança cultural da humanidade da qual esse indivíduo vai se apropriando ao longo de sua existência e que contribui para a sua expansão.

O indivíduo, através da educação, torna-se mais consciente de suas raízes, a fim de dispor de referência que lhe permita situar-se no mundo, e ensinar-lhe o respeito pelas outras culturas. A leitura que se faz sobre a educação, é que ela é um terreno no qual o poder e a política têm expressão fundamental, criando espaço para a produção de significado, desejo, linguagem e valores, que responde às crenças mais profundas acerca do significado do ser humano.

Confrontada como uma crise das relações sociais, a educação deve pois, assumir a difícil tarefa que consiste em fazer da diversidade um fator positivo de compreensão mútua entre indivíduos e grupos humanos.

A educação no paradigma que se acredita numa sociedade emancipada, precisa de uma forma mais rápida: a busca de um novo perfil de qualificação de mão-de-obra, em que a cognição, o conhecimento, a ética e o exercício da cidadania sejam referências básicas, presentes no cotidiano.

Numa visão do desenvolvimento humano, segundo a ONU, a educação é um fator mais próximo da gestação de oportunidade, seja no sentido de “fazer” oportunidade, seja no sentido ainda mais próprio de “fazer-se” oportunidade, por uma questão da cidadania. Nesta perspectiva é preciso perceber que do ponto de vista estratégico, a educação é o ponto mais decisivo, mas nunca de modo focalizado, isolado; assim, essa idéia implica que os fatores do desenvolvimento se hierarquizam e se consertam ao mesmo tempo. Sabe-se que a pobreza material também dificulta o processo do desenvolvimento, mas a falta de oportunidades do pensar, do gerir conhecimento e de ter consciência da dignidade são fatores que impedem a luta por um espaço físico e social.

Para as oportunidades de desenvolvimento o que mais compromete é a pobreza política, que é a ignorância, que inviabiliza as pessoas a serem capazes de gestarem sua própria história, obstaculiza o poder de ser cidadão, cidadã.

A educação para não ficar à margem das transformações da presença poderosa do conhecimento, necessita alargar os seus passos, estar atenta, para desempenhar o seu papel num processo dialético, na dinâmica das sociedades contemporâneas.

É necessário criar consciência de que a sociedade está cada vez mais exigente em relação à qualidade dos produtos e dos serviços. A educação, para acompanhar e atender os apelos e as exigências da sociedade, em face de tantas informações e priorização do conhecimento, precisa aprender a trabalhar de outra forma, adquirir e construir novos paradigmas, entrando no aprendizado das tecnologias modernas, sabendo relacionar-se com o mundo do trabalho, ter clareza em suas diretrizes.

Os sistemas educativos devem dar respostas aos múltiplos desafios da sociedade da informação, na perspectiva de um enriquecimento contínuo dos saberes e do exercício de uma cidadania adaptada às exigências do tempo atual. E não só assegurar os anos de escolarização ou de formação profissional, estritamente necessário, mas formar também cientistas inovadores e quadros de profissionais de alto nível.

A educação numa visão antropológica olha o ser humano como um ser de relações, ser histórico, capaz de enfrentar os desafios, no aprendizado da adaptabilidade, e no ajuste às novas condições e situações desenhadas pela era que enfatiza o conhecimento, foco do poder e outras exigências, sem perder de vista a humanidade da pessoa no seu processo histórico.

O humanismo que a educação deve ajudar a nascer, deve ser com um componente ético e um grande espaço dedicado ao conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações e o respeito pelos mesmos para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspectos econômicos ou tecnistas.

A ressignificação constante da docência e do docente, neste cenário de mutações, torna-se necessário que cada um e todos aprendam a

decidir sobre quais opções terão como centro de sua vida e do seu próprio trabalho docente, num responsável compromisso em educar para tornar o ser humano, cada vez mais humano.

As reformas educacionais vêm insistindo em juntar vários tipos de competências básicas, através delas, um patamar mínimo para que as novas gerações estejam preparadas para aprender a aprender por toda a vida.

Os analfabetos de amanhã não serão os que não aprenderam a ler e a escrever, mas os que não aprenderam a aprender por toda a vida. E aprender por toda a vida significa continuar criativo e aprendente nos relacionamentos interpessoais e na convivência humana, no âmbito local e universal, na gestão do conhecimento e no lidar das novas tecnologias.

A educação representa a necessidade de um compromisso mais apaixonado e envolvente por parte dos educadores em tornar o político mais pedagógico, isto é, tornar a reflexão e a ação crítica, partes fundamentais de um projeto social que não inclua formas de opressão, mas desenvolva uma fé profunda e permanente na luta para humanizar a própria vida.

A teoria educacional não pode ser reduzida à questão paralisante e politicamente inofensiva, pelo contrário, seu valor deveria ser avaliado por sua capacidade de confrontar o discurso e práticas sociais da opressão com o que Walter Benjamin uma vez chamou de “imagens potencialmente liberadoras de liberdade”.

2.1 FORMAÇÃO CONTINUADA — PROVOCAÇÃO DE MUDANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Para entender a Formação Continuada é importante percebê-la no contexto mais amplo da educação.

Segundo Furter (1975) a educação se manifesta por um processo duplo de aprofundamento de experiência pessoal e da vida social global, que se traduz pela participação consciente e livre de cada indivíduo, qualquer que seja a etapa da existência que esteja. A vida humana é um processo permanente de formação em que o homem, desenvolvendo-se continuamente,

toma cada vez mais consciência de suas possibilidades de participação como produtor, consumidor ou utilizador; como criador ou inovador nos dinamismos sócio-econômicos que transformam o seu meio.

Como a educação é um processo que se prolonga por toda a vida, a alegria de aprender e o desejo de aprender permanecem para além dos tempos de colégio, segundo as Características da Educação da Companhia de Jesus (1989, p.33). *Aprender é importante, mas muito mais importante é aprender a aprender e desejar continuar aprendendo*, durante toda a vida.

A formação de professores é um antigo tema na história da educação do Brasil. Muitas pesquisas já haviam sido realizadas sobre o tema, antes das influências, principalmente dos professores portugueses António Nóvoa e Isabel Alarcão. O Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas (INEP), órgão do governo federal criado e dirigido por Anísio Teixeira, realizou importantes e significativas pesquisas sobre a formação de professores. Essas pesquisas mostram que havia um distanciamento e a impropriedade da formação em confronto com as necessidades de uma formação escolar básica de qualidade (PIMENTA, 2002).

A formação e a profissionalização de professores é um tema que emergiu no quadro das reformas educativas nos anos 80 dentro de um conjunto de mudanças educacionais associadas à reestruturação produtiva e políticas de ajuste no âmbito do capitalismo.

“Os professores e sua formação”, um livro coordenado pelo professor português António Nóvoa, nos inícios dos anos 90, com textos de autores da Espanha, Portugal, França, Estados Unidos e Inglaterra, com referências à expansão dessa perspectiva conceitual também para a Austrália e o Canadá, e com a participação significativa de grupo de pesquisadores brasileiros no I Congresso sobre a Formação de Professores nos Países de Língua e Expressão Portuguesas, realizado em Aveiro, 1993, sob a coordenação da professora Alarcão, acelerou mais a reflexão sobre a formação do professor, tendo como foco o conceito de “professor reflexivo” (PIMENTA, 2002).

Para Nóvoa (1995) a formação de professores ocupa o seu espaço na reflexão desta temática, a partir de uma determinada visão da profissão docente. É preciso perceber que existem as deficiências científicas e a pobreza conceitual do programas atuais de formação de professores.

A formação de professores tem ignorado, sistematicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo 'formar e formar-ser', não compreendendo que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação "(Nóvoa, 1995, p.24).

É uma exigência a formação continuada; um tema presente no contexto atual, porque o ser humano no seu desenvolvimento de vida vai aprendendo de forma contínua, novos aprendizados, novas experiências e construindo sua história e a história de toda a humanidade. A formação continuada preocupa tanto as agências formadoras, as instituições de educação, a comunidade social e os órgãos oficiais do Governo e também aos próprios professores. Todos clamam por mudanças, mesmo que nem todos tenham um olhar igual.

A formação continuada precisa ser bem cuidada, no sentido de que o professor busque novas mudanças, sem perder a sua identidade, mas tenha sensibilidade com o seu compromisso político por uma educação capaz de tornar os alunos competentes no desafio de uma sociedade cada vez mais exigente, excludente e classificatória.

Na Educação Básica, a formação continuada deve partir da prática social do professor, isso implica não só o conhecimento, a experiência de cada professor, sua memória, seu saber prático, mas uma ruptura com a forma de pensamento e ação próprios do cotidiano. Para a ruptura é necessário que o professor se aproprie cada vez mais do saber acumulado historicamente, especialmente os conceitos científicos e das formas criativas de aprender.

No momento atual, a formação continuada precisa possibilitar ao professor cada vez mais testemunhar competência, no sentido de aprender a ser capaz de mobilizar recursos para agir.

Segundo Perrenoud (2002), a competência é a capacidade de um sujeito de mobilizar o todo ou parte de seus recursos cognitivos e afetivos para enfrentar uma família de situações complexas. Isso exige a conceituação precisa desses recursos, das relações que devem ser estabelecidas entre eles e da natureza do "saber mobilizar". Pensar em termos de competência significa

pensar a sinergia, orquestração de recursos cognitivos e afetivos diversos para enfrentar um conjunto de situações.

Na abordagem sobre competência profissional, Rios (apud,Pimenta,2002) propõe quatro dimensões: a técnica, a política, a ética e a estética. A técnica é o suporte da competência, ela se revela na ação dos profissionais, na forma de fazer algo. A técnica necessita de ser fertilizada por objetivos, valores, compromissos coletivos (dimensão ética e política) e pela sensibilidade e criatividade(dimensão estética).

Outra questão considerada enfática na reflexão: o processo do ensinar e do aprender está voltado para uma relação da teoria com a prática?

No enfoque do relacionamento: teoria e prática, segundo Candau (1999), existem duas visões de perceber a relação entre a teoria e a prática: a visão dicotômica e a visão da unidade. A visão dicotômica assume um caráter dissociativo, é o esquema em que os “teóricos” têm o papel de pensar, elaborar, refletir, planejar e os ” práticos”, executar,agir, fazer. A visão da unidade está centrada na vinculação, na união entre teoria e prática, há uma distinção ente teoria e prática no seio de uma unidade indissolúvel. A relação simultânea e recíproca, de autonomia e dependência de uma relação com a outra, assegura a unidade.

A prática exige um constante ir-e-vir de um plano a outro do teórico ao prático e do prático ao teórico. No dizer de Gramsci (1979, p.7), “Todos os homens são intelectuais... não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o “*homo faber*” do “*homo sapiens*”

É importante levantar questões da forma como é tratada a relação teoria-prática, para que os programas de Formação Continuada não se descuidem da relação de unidade entre teoria e prática, para que não sejam configuradas com um caráter meramente instrumental, é necessário que haja uma abrangência e uma postura interdisciplinar consistente.

A análise da prática cotidiana do professor, é movida pelo senso comum pedagógico, o qual é constituído de fragmentos de teorias assimiladas geralmente sob a forma de clichês. O senso comum acaba criando a ilusão de um domínio das “teorias” cujos elementos , o professor incorpora.

O professor imerso na sua prática, muitas vezes não percebe a necessidade de romper com essa relação imediata entre pensamento e ação, o que leva a uma rejeição da reflexão filosófica e das teorias semelhantes. No entender de alguns teóricos, o homem parece se vê a si mesmo, como ser prático, que não precisa de teoria; os problemas encontram sua solução na própria prática, ou nessa forma de reviver uma prática passada que é a “experiência” .

Para Thurler (2001), os professores, quando buscam aliar formação, desenvolvimento profissional, autonomia e avaliação (interna e externa), passam a ter preocupação com a qualidade. Estes mesmos professores defendem o abandono de uma formação contínua obrigatória e centrada nas deficiências. A formação continuada

(...) visa à evolução tanto das representações da profissão quanto das práticas pedagógicas e à transformação da dinâmica do estabelecimento escolar, tradicionalmente fundada em uma coesão administrativa, em uma coesão essencialmente pedagógica, constituindo este último em comunidade ou organização aprendente (Id, p.169).

A formação continuada deve ser sinalizada pela competência, pelo compromisso político, e poderá contribuir para uma educação capaz de estar preparada às transformações aceleradas do processo produtivo, às novas exigências da cidadania moderna, à revolução da informática e aos meios de comunicação de massa. E também descobrir e revalorizar a ética nas relações sociais. É importante alimentar o sonho exigente e desafiador, sem uma postura ingênua, mas com o chão na realidade, compartilhando, socializando e transformando...

A formação do professor deve ser considerada, em pilares que o atinjam na sua totalidade. Um perfil de ser humano aberto aos sinais dos tempos.

Uma formação que permita ao professor tomar consciência de sua historicidade, contextualizada na sua identidade e na sua relação com os outros. Uma relação que toma novo impulso, e provoca uma consciência coletiva, de compromisso político com a transformação da realidade.

À medida que o professor internaliza a formação continuada, não como uma imposição, mas como um projeto de vida, o processo do aprender e

do ensinar terá um espaço de estudo, com ingrediente da reflexão-ação-reflexão.

O professor, agente principal da formação continuada, segundo Libâneo (2001), deveria desenvolver simultaneamente três capacidades:

- Apropriação teórico-crítica das realidades;
- Apropriação de metodologias de ação de formas de agir, de procedimentos facilitadores do trabalho docente e de resolução de problemas de sala de aula;
- Consideração dos contextos sociais, políticos, institucionais na configuração das práticas escolares.

O autor destaca a necessidade da reflexão sobre a prática a partir da apropriação de teorias como marco para as melhorias das práticas de ensino.

E neste percurso da formação continuada, o professor assimila uma postura ético-política guiada por sentimentos e valores, possibilitando utilizar o saber acumulado como meio para o desenvolvimento pleno do aluno e para o seu próprio desenvolvimento, como ser humano.

Schön (apud Pimenta,2002), como professor de Estudos Urbanos no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts, EUA) até 1998 realizou atividades relacionadas com reformas curriculares nos cursos de formação de profissionais. Ele propõe uma formação profissional baseada numa epistemologia da prática, ou seja, na valorização da prática profissional como momento de construção do conhecimento, através da reflexão, análise e problematização da própria reflexão e o reconhecimento do conhecimento implícito, interiorizado, presente nas soluções que os profissionais encontram nas ações.

Entende-se que Schön valoriza a prática na formação dos profissionais, mas uma prática refletida que lhes possibilite responder às situações novas, nas situações de incerteza e indefinição

Para alguns autores, Schön é reducionista e limitante por ignorar o contexto institucional e pressupor a prática reflexiva de modo individual. Eles

afirmam que o autor não teve como objetivo elaborar um processo de mudança institucional e social, mas somente centrar-se nas práticas individuais.

Pérez-Gómez (apud Pimenta,1992), pontua, referindo-se a Habermas, a reflexão não é apenas um processo psicológico individual, uma vez que implica a inserção do homem no mundo da sua existência, um mundo carregado de valores, intercâmbios com linguagens simbólicas, relações afetivas, interesses sociais e cenários políticos.

Segundo André (2001), é importante uma atitude reflexiva na formação do docente, e que através de procedimentos de investigação científica, da sistematização de informações, da análise e comparação de dados, poderá produzir e socializar conhecimento pedagógico.

É importante perceber que a abordagem reflexiva da formação de professores tem acompanhado o processo histórico que virou um movimento em torno do conceito de reflexão.

Na dimensão reflexiva, aqui no Brasil alguns momentos históricos merecem destaque o método: ver-julgar-agir experimentado dentro do movimento de ação católica, visando o exercício de reflexão, na perspectiva de uma formação da consciência crítica histórica. Neste contexto, pode-se registrar as contribuições dos jesuítas que tiveram influência nestes movimentos para aquilo que é característica singular do Paradigma Pedagógico Inaciano, inspirado à luz dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, a interação da experiência, reflexão e ação do processo ensino-aprendizagem e, também uma descrição ideal de inter-relação dinâmica entre o professor e o aluno, ajudando este último à maturidade do conhecimento e da liberdade. Ainda como contribuição para a educação, inspirado à luz dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio é que para educar é importante o exercício do tripé: vontade, mente e coração.

A vontade pode ultrapassar situações complexas quando o sujeito a considera forte e auxiliada pela inteligência e os sentimentos.

Outro destaque: a reflexividade proposta por Paulo Freire que está assentada no processo da ação-reflexão-ação; visa a formação da consciência política.

Continuando com a abordagem sobre o processo histórico da reflexividade; o método da reflexão dialética no marxismo humanista, acentua a

idéia da formação da consciência crítica, tendo como base à práxis, na unidade teoria-prática, reflexão-ação.

O método da reflexão fenomenológica, uma oposição a uma visão positivista do conhecimento, compreende toda a ação humana, o homem é um criador de significados. A reflexão, a análise de objetivos, situações, experiência dependem do sentido que é dado a essa realidade.

Finalmente, o movimento das competências do pensar. Este movimento chamado de desenvolvimento das competências do pensar, iniciado no final dos anos 70 nos Estados Unidos e na Europa se propôs atribuir às instituições educativas a preocupação com a qualidade do pensar dos alunos e professores.

A leitura que Perrenoud (2002) faz sobre a reflexividade: o faz remeter a existência de dois processos mentais à noção da prática reflexiva:

- Durante o processo não há ação complexa sem reflexão; entende-se a prática reflexiva como a reflexão acerca da situação, dos objetivos, dos meios, do lugar, das operações envolvidas, dos resultados provisórios, da evolução previsível do sistema de ação.
- Refletir durante a ação consiste levantar questões tais como: o que está acontecendo ou o que vai acontecer, o que podemos fazer, o que devemos fazer, qual é a melhor maneira, que desvios e precauções temos de tomar, que riscos corremos .
- A reflexão sobre a ação já é algo bem diferente, toma-se a própria ação como objeto de reflexão, seja para compará-la como um modelo prescrito, o que poderia ou deveria ter feito, o que outro profissional teria feito, seja para explicá-la ou criticá-la. Toda ação é única, mas, em geral ela pertence a uma família de ações do mesmo tipo, provocadas por situações semelhantes. A reflexão não se limita a uma evocação, mas passa por uma crítica, por uma análise, por uma relação com regras, teorias ou trás ações, imaginadas ou realizadas em uma determinada situação.

A formação continuada que acredita e legitima a prática da reflexividade, provocará no profissional uma postura de não agir por impulso, utilizando sempre o discernimento para tomar atitudes.

Na reflexividade crítica, o professor pensa e faz relação da teoria e a prática, é um agente numa realidade construída, preocupa-se com a apreensão das condições, tem atitudes e ações críticas frente ao mundo neoliberal e sua atuação, apresenta apreensão teórico-prática do real e a reflexividade é de cunho sociocrítico, emancipatório, construtivista, histórico-cultural ou interacionismo sociocultural

O professor crítico reflexivo aprende a partir da análise e da interpretação de sua própria atividade, constrói de forma pessoal, seu conhecimento profissional, o qual incorpora e ultrapassa o conhecimento emergente institucionalizado (Schön, 1997; Freire, 1997). Ao refletir sobre a sua prática pedagógica, ele estará atuando como um pesquisador de sua própria sala de aula.

Para Pimenta (2002), o professor pode produzir conhecimento a partir da prática, desde que na investigação reflita intencionalmente sobre ela, problematizando os resultados obtidos com o suporte da teoria. E, portanto, como pesquisador de sua própria prática.

De acordo com Saviani (1985), a necessidade de refletir filosoficamente evidencia-se quando o ser humano se encontra diante de uma situação problemática. A problematização implica levar o professor a tomar contato com os conhecimentos acumulados, elenco de possibilidades para resolver determinados impasses.

O professor pode ser o principal sujeito de sua própria formação, na medida em que for capaz de tomar sua prática como objeto de reflexão crítica. Este pressuposto demonstra a subjetividade do professor, a sua autonomia, a autodeterminação na formação, no projeto de vida. Mas sem perder de vista a dimensão coletiva abrindo um leque para uma reflexão mais abrangente.

Nos últimos anos, de um modo geral, percebe-se que tanto as Escolas Públicas, como as Privadas têm implementado programas de Formação Continuada, preocupadas com as inovações curriculares, devido aos novos apelos do mundo pós-moderno e imbuídas do propósito de melhoria e

aperfeiçoamento das práticas pedagógicas desenvolvidas por seu corpo docente.

As instâncias públicas, principalmente, têm despendido uma carga significativa de recursos humanos e financeiros com projetos de “capacitação” de formação de professores, gerando uma série de atividades de formação continuada (palestras, seminários, cursos, oficinas).

No entanto, observa-se que no cotidiano escolar as ações são identificadas com um efeito muito pequeno de mudança sobre a prática docente. Isto denota que muitos professores principalmente da Rede Pública continuam perdidos diante de tantas informações, e que não conseguem melhorar suas reflexões alimentando-se de um conservadorismo, de uma linguagem destoante e práticas descontextualizadas.

Considera-se importante registrar algumas situações bem inusitadas, de duas escolas públicas em Fortaleza, visitadas durante a construção deste trabalho monográfico.

Não tem um cunho de menosprezo à categoria de professores, mas de ajudar nas reflexões, visando um novo perfil de professor que se formando continuamente com uma postura reflexiva e de pesquisa, poderá contribuir para uma Educação Básica de excelência. Estes professores além do Curso de Pedagogia, alguns já cursam a Pós-Graduação. Eis algumas falas proferidas por diversos professores:

- *Estou sem tempo para preparar as aulas, pois vou “**encomendar**” minha “**mamografia**” (compreenda: encomendar, sim, porque alguns professores compram pela quantia de até R\$ 400,00, sua monografia).*
- Em um certo dia, a supervisora estava planejando, quando sugeriu o tema: a família. Então uma professora disse: *que bom, vamos estudar a **árvore ginecológica** (leia-se árvore genealógica).*
- As diretoras vão ser **eliminadas** na justiça (compreenda que as diretoras vão entrar com uma **liminar**).
- Uma professora da 4ª série chegou a teimar com a supervisora sobre a “**localização do Paraguai e Uruguai**, afirmando que **tanto faz um como o outro, pois se localizam no mesmo lugar**”.
- Chegaram uns estagiários para fazer uma pesquisa na Escola e perguntaram a uma professora pelo **PDE** (Plano de Desenvolvimento da Escola). Ela respondeu: “**não sei, porque não gosto de política e nem pertencço a nenhum partido político**”.

- A Supervisora chegou para uma professora e perguntou: “E aí estudando muito na Faculdade? Ela respondeu:” Não agüento mais ouvir esse tal de **Piagete** “(Leia-se:Piaget)”.
- Numa aula de Ciências, a professora pediu que o aluno desse exemplos de animais. O aluno falou: barata, professora!. A professora respondeu: " **Barata não é um animal, é um inseto**".
- Um aluno chegou na Escola e perguntou sobre o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). A professora respondeu: “**Aqui na escola não trabalha ninguém com esse nome de ENEM, eu não conheço**”.

Como os cursos de licenciatura são muito criticados; dois professores estavam conversando justamente sobre isso. Um estudava numa Universidade conceituada e o outro fazia a licenciatura em regime especial. Cada um estava defendendo a sua Universidade, quando o último disse:

- “**Menina deixa de ser besta, a UFC, UECE, UNIFOR e UVA, são tudo ingual** (leia-se igual).
- Uma professora chegou para a outra e disse: “**a tua filha ainda estuda na UNIFORME**” (leia-se **UNIFOR**).

As situações observadas no cotidiano dos professores e registradas demonstram o nível dos professores. Não são todos, mas uma grande maioria denota pobreza de conhecimento, às vezes, na própria Língua Portuguesa, alienação política e falta de compreensão conceitual, na construção do conhecimento.

Inquietações que merecem reflexões e são pertinentes:

- O que fazer diante de saberes tão comprometidos com a excelência e que são tão plurais? Reconhecê-los? Revelá-los? Corrigi-los?
- Será que existe um processo de avaliação com critérios estabelecidos que identifique tantas deficiências?
- Os órgãos públicos responsáveis pelos sistemas (macro e micro) estão presentes às realidades educacionais e atentos às distorções e aos descaminhos?
- As práticas pedagógicas estão provocando excelência na aprendizagem?

- O professor está sendo visto como uma pessoa em todas as dimensões da vida?
- Quais as condições que a Escola tanto a pública como a particular encontra para a promoção de espaços de reflexão coletiva?
- Quais as possibilidades efetivas do professor pesquisar sua prática e quais os aportes teóricos e metodológicos?
- As escolas se pensam realmente como espaços de formação de professores, neste processo contínuo?

Pelo próprio processo da vida, a formação continuada por considerar o ser humano um ser inacabado, finito, poderá ajudar na melhoria do processo educativo, desde que seja assumida na sua abrangência pelos poderes públicos e pela Escola na sua totalidade, como um projeto político.

A formação continuada responde a uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, das suas relações, mas também de sua capacidade de discernir e agir.

Quando se fala de formação de professores, assume-se determinadas posições (epistemológicas, ideológicas, culturais) relativas ao ensino, ao professor e aos alunos; neste sentido, a formação deve proporcionar situações que possibilitem a reflexão e a tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão docente (Gimeno, 1990).

A formação de professores, segundo Garcia (1995), é um processo que tem de manter alguns princípios éticos, didáticos e pedagógicos comuns, independentemente do nível de formação. Como afirma André De Peretti, "se se pretende manter a qualidade de ensino (...) é preciso criar uma cadeia coerente de aperfeiçoamento, cujo primeiro nível é a formação inicial" (1987, p.97).

Esta leitura, implica também que é necessário existir uma interconexão entre a formação inicial e a formação continuada de professores.

A formação continuada como foco de todo o desenvolvimento das dimensões da vida é concebida numa caminhada muito mais além do que já praticado pelo professor. Este conceito de formação continuada torna uma ampliação maior, do que se restringe apenas às necessidades imediatas de

reciclagem profissional, a uma renovação cultural, mas a uma nova exigência de autonomia, de contexto, de projeto assumido pessoal e coletivamente, numa sociedade que dialeticamente, ao mesmo tempo que des-constroi nega o humano, experimenta a intolerância, também sinaliza construção, o espaço para o diálogo, as negociações, a esperança e a vida.

É necessário que a formação contínua, realize uma articulação, no âmbito das investigações sobre a prática docente reflexiva crítica entre práticas cotidianas e contextos mais amplos, considerando o ensino como prática social concreta.

Mesmo com toda uma mídia sobre a formação do professor, ainda há resistência tanto por parte dos próprios educadores, como também ausência de uma postura política diante da valorização do professor. Neste sentido, Dezza (1981), um educador jesuíta, alerta contra as resistências à formação continuada “ porque o homem que não cresce e em cuja vida não há lugar para o novo, está já como morto e não pode evidentemente suscitar vida nos outros”.

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

As políticas públicas relativas à formação do docente devem voltar-se para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, conseqüentemente olhar para a valorização dos profissionais da educação.

A valorização do docente inclui: uma formação profissional que garanta a competência; a formação continuada, que ajude o professor na qualidade de vida e a um crescimento que envolva todas as dimensões de sua vida; um salário digno que permita viver com dignidade a sua cidadania.

Todas estas condições devem ser supridas pelo sistema de ensino. Por outro lado o professor precisa ter consciência de seu compromisso como agente responsável pela formação do sujeito que além do conhecimento, precisa se desenvolver na sua totalidade.

A educação como discurso proclamado, é realmente um valor, pela sua importância e pelas suas possibilidades, na perspectiva de que aconteça o desenvolvimento da pessoa e a superação das desigualdades

sociais, mas como um valor real proclamado; a educação é conduzida como arma de poder, não para os que têm direito, mas para aqueles que detêm o poder e o mal uso de forma descomprometida com o bem-comum, o bem da humanidade. Assim, foge totalmente dos propósitos garantidos em leis, decretos e dos compromissos assumidos durante as campanhas eleitorais por parte dos partidos políticos.

Numa leitura de políticas públicas voltadas para a Formação Docente, e o compromisso do Brasil, como Nação, é importante perceber que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Nº 9394/96 o Título VI – Dos Profissionais da Educação, assegura a formação de profissionais da educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) , preconiza a respeito da formação de profissionais da educação:

Art. 61 – A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviços;

II - aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Art. 62 - A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura de graduação plena em Universidade e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, e oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Art. 63 - Os institutos superiores de educação manterão:

I – cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental.

II – programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica.

III – programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Art. 64 – A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino garantida, nessa formação, a base comum nacional.

Art. 65 - A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo trezentas horas .

Art. 66 - A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

Parágrafo Único – O notório saber, reconhecido por universidade com cursos de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico.

Art. 67 - Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhe, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado inclusive como licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III – piso salarial profissional;

IV – progressão funcional baseada na titulação, na habilitação e na avaliação do desempenho;

V – período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga horária de trabalho;

VI – condições adequadas de trabalho.

Parágrafo Único – A experiência docente é pré-requisito para o exercício de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino.

Fica o questionamento de como será que o sistema cuidará da formação continuada dos professores que segundo o Ministro de Educação, Cristovam Buarque, foi aprovado em Brasília o parecer do Conselho Nacional de Educação que dispensará 733 mil professores que atuam na educação

infantil e nos primeiros quatro anos do ensino fundamental, sendo necessário apenas o ensino médio. (Anexo A)

A titulação não é o mais importante, mas o acesso ao prosseguimento dos estudos é direito, num país democrático.

As secretarias estaduais e municipais de educação, que gerenciam as verbas devem garantir a formação continuada dos professores e buscar parcerias com a Universidade e Instituições de Ensino Superior.

Com a emenda Constitucional 14/96, foi confirmado a prioridade nacional com o ensino fundamental da Educação Básica e assegurou a criação no âmbito de cada estado e do Distrito Federal de um fundo : Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e da Valorização do Magistério – FUNDEF.

O FUNDEF surge como uma forma de diminuir as desigualdades regionais e sociais , e criar condições para melhorar o processo de gestão dos recursos financeiros destinados ao ensino fundamental; de acordo com a Constituição Federal, Leis, como a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a promover medidas voltadas para a valorização do magistério, no que diz respeito à melhoria salarial, como a capacitação e qualificação do docente.

A leitura que se faz, no Brasil, principalmente quando o foco é educação, é que há uma distância muito grande do que é legislado para o real, para a realidade. Há muitos desvios no percurso, até ao seu destino último, a escola.

Outro aspecto surge no momento, é sobre o Ensino Médio , que pode ser obrigatório no País, segundo um decreto que está sendo preparado pelo Ministério de Educação (MEC), em Brasília (Anexo B). Com a obrigatoriedade do Ensino Médio e o aumento de mais uma série, a formação tanto a inicial, como a continuada devem ter um caráter de maior exigência e excelência, como posições políticas bem definidas e assumidas.

2.3 ESCOLA – MUDANÇA SINALIZADA COM A FORMAÇÃO CONTINUADA

“Historicamente, a escola desenvolveu-se como uma formidável máquina de normalização, às vezes, para tornar possível a democracia, para favorecer uma coexistência baseada no livre consentimento e no contrato social mais que na violência, outras vezes para substituir as tiranias rústicas de antes por totalitarismos que controlavam os espíritos acima de tudo” (Perrenoud, 2001.p.32).

Para Perrenoud (2001) é importante que o sistema educativo, os estabelecimentos de ensino, os professores encontrem um caminho intermediário entre a unidade e a diversidade, tanto no que se refere aos percursos e à formação dos alunos, quanto ao que se refere às práticas pedagógicas, aos valores e às representações dos profissionais.

Diante das mudanças, das incertezas e da instabilidade, no momento atual, a escola precisa repensar, reajustar-se, contextualizar-se, questionar-se. Os seus membros não podem ser meramente treinados para executar decisões tomadas por outros. Não podem ser moldados para conviver com a passividade, o conformismo, a acomodação e a alienação. Ao contrário, devem ser incentivados e mobilizados para a participação, a contextualização, a reflexão, a co-responsabilidade, a co-construção, a interação, o diálogo, a experimentação, a ação, a avaliação.

Não se muda a cara da escola por um ato de vontade do secretário (Freire, 1991, p.35). Aproveitando as palavras de Freire, é preciso vontade política de todos os envolvidos, como membros da comunidade educativa (alunos, diretor, professores, técnicos, auxiliares, funcionários e os pais). Para mudar a escola faz-se necessário mudar a sua organização e o modo como ela é pensada e gerida,. É importante refletir sobre a vida na escola, com uma atitude de diálogo relativa aos problemas, as frustrações, os sucessos e os fracassos, os limites e as possibilidades.

Alarcão (2001) ressalta que a escola tem que ser a escola do sim e do não, onde a prevenção deve afastar a necessidade de repressão, onde o espírito de colaboração deve evitar as guerras de poder ou competitividade

mal-entendida, onde a crítica franca e construtiva evita o silêncio roedor ou a apatia empobrecedora e entorpecedora.

A escola como uma das instâncias da sociedade, que tem responsabilidade com a cultura e a formação, deve ser competente para que as gerações tenham um patamar de iniciações básicas para saber aprender, manter a curiosidade viva de aprender mais e o desejo em buscar o conhecimento.

Provocar a prática escolar, significa dar importância ao saber, ao acessar e ao construir conhecimentos; mostrar que a informação, a ciência e a cultura deixaram de ser bens escassos na era das redes e da Internet.

Para assegurar competência na educação é preciso que a escola tenha capacidade para saber utilizar os benefícios científicos e técnicos, sem perder o seu papel na formação da cidadania, no aprendizado da ética e ter uma atitude crítico-reflexiva diante da realidade, valorizando a pessoa no seu contexto pessoal e coletivo, sem reforçar a exclusão.

Hoje, os sistemas escolares estão engajados em uma mudança de perspectivas que os conduzem a substituir os modelos tradicionais de gestão autoritários e centralizadores, por outros modelos, mais participativos. Assim, os professores, como uns dos atores, são responsáveis em desenvolver “in loco” as soluções mais adequadas para responder às exigências que agora são definidas sob a forma de grandes objetivos de desenvolvimento.

Por outro lado, os sistemas escolares ainda são bastante fortes e enraizados de individualismo, e ainda persiste uma visão hierárquica nos procedimentos de gestão, supervisão e inspeção.

É preciso acreditar na responsabilidade individual do professor, como uma das saídas para uma transformação coletiva. E que os gestores voltem as suas responsabilidades para o bem-comum, vislumbrando um olhar, que seja uma via de mão dupla no exercício e responsabilidade diante do processo educativo.

No contexto histórico, vive-se hoje a era da informática, com suas contradições, seus problemas. Como já afirmava Heráclito, o filósofo grego pré-socrático, “no mundo tudo flui, tudo se transforma, pois a essência da vida é a mutabilidade, e não a permanência” A escola que servia aos anseios da

revolução industrial, hoje precisa testemunhar a reflexividade, para atender às necessidades do homem do século XXI.

A era atual é da pós-modernidade, que impõe a lógica dialética, fundamentada na noção de contradição, dialógica, em esvaziamento à lógica formal, clássica, normativa e maniqueísta.

Algumas instituições escolares já vislumbram um referencial pedagógico que sinaliza a humanização pelas formas diferenciais de educar, onde o compromisso maior é com a pessoa histórico-culturalmente situada.

Desde 1996, a UNESCO assumiu os quatro pilares da educação, que hoje, a escola tem como referência básica:

- Aprender a aprender - priorizar as experiências de aprendizagem
- Aprender a fazer - ênfase nas competências e habilidades
- Aprender a viver juntos – juntar competência e solidariedade
- Aprender a ser – realizar- se como pessoa e ser social.

À medida que o professor na formação continuada, agente ativo na instituição escolar começa a fazer uma nova leitura de seu papel, ressignifica o seu aprendizado; a escola no seu conjunto passa também a buscar novos significados, e assume uma posição política diante das mudanças.

Segundo Thurler (2002), os professores no seu desenvolvimento profissional, com novos paradigmas, novas práticas são confrontados com dois desafios de envergadura: reinventar a escola enquanto local de trabalho e reinventar a si próprios como pessoas e membros de uma profissão.

Entende-se que reinventar a escola é criar um novo paradigma que seja capaz de acompanhar as mudanças que são tão surpreendentes. E também buscar a competência, no seu espaço na sociedade, atendendo às necessidades e os apelos, sem perder o horizonte de que a escola tem responsabilidade e compromisso com a pessoa humana, como sujeito e não como objeto.

Diante disso, o professor é um dos mais importantes agentes responsáveis para sustentar uma escola diferente. Uma escola que informa,

mas também que forma, uma escola capaz de enfrentar os desafios da pós-modernidade.

É necessário que o processo de formação seja contínuo, visando melhorias não só profissionais, mas em todas as dimensões da vida.

É importante deslumbrar um novo olhar sobre a Escola, à medida que se modifiquem o reconhecimento e as condições de trabalho dos professores e que estes, continuamente se formem. E consigam desenvolver a sua ação fazendo uma relação da teoria com a prática, tendo presente referências que ajudem a encontrar respostas no aprendizado, num processo que parece contraditório, mas que existe uma articulação livre, possível de mudanças.

E que a escola seja um espaço de relações interpessoais, com manifestações sinalizadas pela subjetividade e objetividade, e que a cognição, a afetividade e a ética se aliem em todo o contexto pedagógico.

O paradigma de escola que melhor atenderá às mudanças, será a “escola reflexiva, uma organização escolar que continuamente se pensa a si própria, na sua missão social e na sua organização, e se confronta com o desenrolar da sua atividade em um processo heurístico simultaneamente avaliativo e formativo” (Alarcão, 2001, p.25). Como dizia Habermas, só o EU que se conhece a si próprio e questiona a si mesmo é capaz de aprender, de recusar tornar-se coisa e de obter a autonomia (idem, 2001, p.25).

Estabelecendo uma relação com o que diz o filósofo Habermas, pode-se trazer para a Escola, pois quando esta se interroga sobre si própria se transformará em uma instituição autônoma e responsável, autonomizante e educadora. Este tipo de escola está mais propenso a mudar o seu rosto.

Entende-se que para revitalizar a escola, impulsionar mudanças, é importante criar no âmbito interno as equipes pedagógicas que não terceirizem o trabalho do professor, mas que tenham uma postura reflexiva, incentivando aos professores a romper com o olhar míope, que às vezes é o voltar-se somente para si, deixando de lado a relação, as ações coletivas, o contexto, a totalidade, a abrangência.

A escola reflexiva caminha para que todos os seus membros sejam reflexivos. E é criada pelo pensamento e pela prática reflexivos que acompanham o desejo de compreender o porquê de sua existência, as

características de sua própria identidade, os constrangimentos que a afetam e as potencialidades que possuem.

A reflexividade comunicativa proposta por Habermas supõe não apenas uma ação comunicativa voltada para o entendimento e consenso, mas um desvalimento das formas de coação, às vezes tomada como “naturais”, que restringem os processos de auto-reflexão (Libâneo, 2001, p.67).

Segundo Tavares (2001) uma escola reflexiva pressupõe uma comunidade de sujeitos na qual os desenvolvimentos das relações interpessoais estão presentes de forma, os mais autênticos e genuínos.

A escola tem o papel de proceder à mediação reflexiva entre as transformações sociais concretas e os indivíduos, entre o que está acontecendo na sociedade como um todo e os indivíduos, os alunos, aqueles que estão na escola.

A mediação reflexiva é um trabalho de investigação com o conhecimento. É o relacionar a atividade de aprender dos alunos aos conhecimentos que permeiam a sociedade, que foram nela produzidos e a constituem. É o relacionar a aprendizagem do “eu” à aprendizagem do “nós”.

É importante frisar que a Escola precisa mudar as condições de trabalho de maneira muito significativa, investindo na formação e no desenvolvimento dos professores. Dignificando o trabalho e a carreira docente, aspectos estes que estão silenciados nas reformas governamentais.

Portanto, é necessária uma escola contextualizada, para que neste contexto, crie espaço para uma leitura crítica da realidade, buscando contribuições para transformá-la.

A escola não é uma organização como as outras, ela trabalha sob o olhar dos pais e da opinião pública. Isso obriga a agir constantemente: internamente tem que enfrentar os verdadeiros problemas, mantendo sempre uma fachada respeitável.

A escola não pode nem ousar dizer que não sabe, que tem dúvida, que se engana. Ao menor de oscilação, ela dá argumentos para os seus depreciadores, às vezes os próprios pais, para propagar sua fragilidade.

Quando das reformas, a escola fica numa situação que não tem a coragem de mostrar que para atender aos apelos do mundo contemporâneo,

da necessidade de se renovar, experimentar novas práticas, às vezes passa por momento de insegurança.

A escola vive à mercê da ideologia do mercado, quem manda não é a ciência e sim, o gosto dos pais, que muitas vezes apresentam atitudes bastante tradicionais e que por vários motivos transferem papéis. Neste sentido a escola faz muitas vezes o que manda o mercado, não o que manda a ciência, os princípios norteadores do seu Projeto Pedagógico.

A escola não enfrenta a complexidade dela própria e do mundo. Com isso, uma questão inquietante: Será que a escola será sempre condenada a estar atrasada com relação a uma complexidade?

No entender de Morin (2002), o desafio da complexidade se intensifica no mundo contemporâneo, época de mundialização, da era planetária. Os processos locais decorrem dos processos mundiais. Responder a este desafio contextualizando-o mundialmente, quer dizer globalizando-o, tornou-se algo absolutamente essencial, apesar de sua extrema dificuldade. A complexidade faz parte do mundo e também da relação com o mundo, devido, por um lado, às nossas contradições, ambivalências, instabilidades e limites pessoais e, por outro, às divergências e conflitos entre atores sobre a situação e as decisões a serem tomadas. Falar de complexidade significa falar de si mesmo e dos outros frente à realidade. Significa também verificar quais são as ferramentas de compreensão e de ação. Só a lucidez compartilhada permite enfrentar a complexidade.

Hoje, a escola enfrenta realidades as mais diversas, como a violência presente também na sua vida interna, na comunidade onde está inserida. A violência é consequência de vários fatores: sócio-econômico-político (Anexo C). Violência, focalizada e universal, universal e focalizada. Diante desta realidade é preciso que a escola aprenda coletivamente, novas formas de superação, incluindo novos ingredientes curriculares que sinalizem ações contextualizadas na perspectiva de alternativas, que colaborem para a valorização da vida. São exigências de qualquer instituição que cuida e tem como centro a pessoa humana.

Segundo Perrenoud (2001) assim como educar é fazer com que o aprendiz mude sem perder sua identidade, a organização escolar também deve se renovar sem se desfazer; absorver novos saberes, novos programas, novos

métodos e novas tecnologias sem renegar a herança e sem deixar entender que tudo o que se fazia antes não tinha nenhum sentido. A escola, por sua própria natureza, é uma confluência entre o velho e o novo, tanto para as pessoas quanto para o sistema e, por isso, está no centro do debate que sempre renasce entre antigos e modernos.

A escola como âmbito da formação contínua e do desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, a torna uma organização aprendente; deve qualificar não apenas os que nela estudam, mas também os que nela ensinam. Constitui um pilar essencial da educação ao longo de toda a vida e a aquisição também de competências básicas para a socialização permanente, isto é, para a consolidação de culturas resistentes à exclusão.

Hoje, no Brasil, a legislação educacional vigente (LDB nº. 9394/96), no seu art. 12 preconiza algumas incumbências para a Escola. Incumbências essas que desenham uma Escola planejada, autônoma, reflexiva e com capacidade para desempenhar o seu papel, não só como espaço para o conhecimento, mas para a formação para e com a ética, para a cidadania, ultrapassando os muros escolares.

As incumbências preconizadas na legislação vigente são:

- elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- administrar todos os seus recursos: humanos, materiais e financeiros;
- assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- prover meio para a recuperação dos alunos, de menor rendimento;
- articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

À medida que a Escola testemunha a Formação Continuada, com uma postura política e coletiva, assumindo esta formação como prioridade; esta escola desenhará uma nova organização, pedagógico-administrativa, capaz de enfrentar todos os desafios do processo educativo, numa visão de excelência em todos os níveis daquilo que é seu papel social no contexto da pessoa humana, que experimenta o tripé: mente, vontade e coração, na construção e reconstrução da vida.

Os professores comprometidos com o seu Projeto, com o compromisso de estar sempre se formando, tendo um novo olhar sobre o seu modo de proceder, como protagonistas conscientes do processo educativo, provocarão na Escola grandes transformações.

É importante lutar por uma escola que respire o oxigênio da esperança com competência, mesmo no contexto atual., que parece ser de um nevoeiro escuro, que às vezes impede uma visão límpida de uma leitura cristalina, na perspectiva do novo, do emergente.

Uma escola humana e humanizadora, capaz de discernir o seu papel aliado incontornável na edificação de nova ordem social em que todos possam ter a garantia da igualdade e da diferença no processo histórico do desenvolvimento humano.

2.4 PERCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA NAS ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DE FORTALEZA

No decorrer da elaboração desta monografia, com o intuito de sentir mais de perto, como os professores percebem a formação continuada, foi aplicado um questionário com três questões:

- Em sua escola, o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), o Regimento e/ou outros documentos contemplam a Formação Continuada?
- Como você percebe a Formação Continuada em sua Escola?

- Em que a Formação Continuada poderá contribuir no processo educativo?

Voltando para o olhar atento sobre os professores consultados, de duas (2) escolas públicas e três(3) particulares, observa-se que existem semelhanças e diferenças, quer em suas concepções, quer em suas experiências.

2.5.1 Escolas Públicas

Para situar-se melhor, será feita a análise do que disseram os professores das escolas públicas e em seguida os professores das escolas particulares.

Alguns professores se posicionaram quanto à contemplação da formação continuada no Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) e outros disseram que às vezes está no PDE só para constar, é uma forma de gastar a verba destinada ao PDE.

Pela leitura, a formação continuada não parte das necessidades docentes. O professor na sua fala, espera que a formação continuada lhe aponte o que deve ser prioritário para o ensino do aluno. Parece que o professor está perdido quanto aos conhecimentos pedagógicos. Não há continuidade, não há uma sistematização, é fragmentada, sem compromisso. Não atinge a escola em todos os seus níveis de ensino.

Para aqueles professores que afirmam a formação continuada como contemplada no PDE, registraram que o estudo tem proporcionado melhoria na sala de aula; como também o que tem ajudado são os cursos de atualização, capacitação e qualificação.

Para estes professores a formação continuada proporciona momentos sérios, importantes e produtivos; fonte de informação e pesquisa; os professores podem socializar idéias e ampliação de conhecimentos; partilhar experiências, com vistas à melhoria da prática docente.

Em síntese, os professores em sua maioria consideram que a formação continuada poderá contribuir para o todo do processo educativo,

quando possibilitar uma nova visão de mundo, de homem e maior competência. É necessário passar uma visão do todo.

A formação continuada ajudará também no crescimento intelectual e social do indivíduo. Abrindo novos horizontes para o saber e contribuindo para uma educação capaz de transformar.

Segundo os professores consultados é necessário acompanhar as grandes mudanças do mundo, para a formação de agentes críticos e construtores de um novo processo educativo.

2.5.2 Escolas Particulares

As três (3) escolas particulares pesquisadas são todas católicas e ficam na área urbana de Fortaleza.

Nas três escolas consultadas, os professores foram unânimes em suas falas que a formação continuada é contemplada nos seus documentos básicos (Regimento Interno, Projeto Pedagógico).

Nestas escolas, os professores vêem a formação continuada de forma estruturada e mais envolvida com as necessidades pessoais e profissionais dos professores.

A formação continuada está atenta às necessidades dos educadores, não só no que diz respeito à dimensão profissional, mas também nas dimensões humano-espiritual. Considera o educador não apenas um “ser profissional”, mas um ser humano na sua totalidade. Por isso, desenvolve atividades em todas as dimensões.

Há incentivo ao estudo, tanto quanto à educação formal, buscando cursos de graduação, especialização, mestrado, quanto à formação continuada.

Segundo os professores a formação não se restringe às atividades desenvolvidas dentro da escola, incentiva aos educadores a buscarem fora dos muros da escola, atividades que visem o crescimento e a realização pessoal e profissional. Existe em uma destas escolas uma proposta clara de formação de excelência dos educadores, numa perspectiva humanístico-cristã.

A formação continuada nestas escolas, provoca questionamentos e renovação permanentes, capazes de corrigir falhas e enfrentar os novos desafios que surgem no caminho. Tem proporcionado momentos ricos, com aprofundamento e partilha de experiências.

A formação continuada veio solidificar o hábito pela leitura, trouxe novas temáticas de estudo, despertou novos interesses e há preocupação com a qualificação dos professores.

Os professores sentem que a formação continuada poderá contribuir para um novo olhar pedagógico, trazendo discussões sobre a problemática do fazer pedagógico, propiciando atualização teórica, e criando espaço para a investigação, a estudar as realidades da própria prática e mais ainda centrada na compreensão de formar pessoas livres, portanto éticas.

Citações de professores que pelas suas experiências com a formação continuada, em uma das escolas pesquisadas, merecem destaques:

- *No mundo atual um bom profissional é aquele que não se dá ao luxo de parar de aprender sempre.*
- *A formação continuada me faz sentir privilegiada, pelo direito de tê-la; valorizada por ver contemplada as minhas necessidades e por poder compartilhar os meus conhecimentos, as minhas opiniões, os meus sentimentos e ser responsável de fazer melhor cada vez mais. Me dá subsídios para agir com mais segurança, responsabilidade e compromisso, me capacitando melhor para lidar com os desafios que a educação impõe. Me faz desejar, ousadia e sonhos...*
- *O professor precisa ter conhecimentos que se estendam para além do domínio do conteúdo a ser ensinado.*
- *Através da formação continuada em minha escola tive a oportunidade de refletir a minha prática de sala de aula, como o relacionamento com os alunos.*

2.6 PROCEDIMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

“O fato de eu ser esperançoso não significa que eu vire irresponsável ou espontaneísta. A transformação não vai se dar, porque eu sou esperançoso, não. Ela só acontecerá, se eu mudar mesmo, se eu brigar para mudar. No fundo, a filosofia que me agrada é a filosofia que estimula a capacidade criadora e transformadora do homem e da mulher” (Paulo Freire, 2001, 19p)

As leituras e reflexões na construção deste trabalho monográfico, provocaram uma vontade e um desejo, uma certa motivação, de ultrapassar outras fronteiras de ações concretas, mesmo que talvez utópicos, mas possíveis de realizações em uma proposta de formação continuada.

Não é recente a preocupação com a formação continuada, mas hoje surge com uma nova concepção, vínculo com o Projeto Pedagógico do Sistema de Ensino, para ser mais contínuo, e ter sinais de intensidade, consistência, envolvimento e competência, num ajuste individual e coletivo.

O que se propõe foge um pouco dos paradigmas clássicos da formação continuada, que se restringe em acumulação de cursos, seminários e outras atividades similares; uma formação pontual.

O que se propõe é uma formação continuada reconhecida pela escola, valorizada, priorizada e acreditada, e que esta poderá provocar mudanças nos profissionais e na própria escola.

A formação continuada se constrói através do aprendizado da flexibilidade crítica sobre as práticas e a valorização do professor, como sujeito que pensa, sente e age.

A formação continuada que se adequa ao que vem sendo refletido no decorrer deste trabalho, é a que está contextualizada, trabalha a reflexão numa abordagem sócioconstrutivista, faça o professor pensar. Esta direção faz com que o professor num processo contínuo aprenda e organize

situações que o faça refletir, produzir e socializar tanto o conhecimento, como novas experiências , novas práticas pedagógicas.

A proposta da formação continuada se apodera de uma visão vigoskiana, no sentido de valorizar o saber e as experiências do professor (real), também a possibilidade de intervir no processo do aprender e do ensinar, considerando que a potencialidade para aprender não é a mesma para todos os professores(potencial). Neste olhar vigoskiano , o professor não é só ativo, como interativo.

O fio condutor desta proposta sinaliza a interação nas dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se no seu processo de formação, dando-lhe sentido a sua história de vida.

A formação continuada deve ser um valor proclamado e real na escola. Não basta apenas proclamar no Regimento, no Projeto Pedagógico, no Plano de Desenvolvimento Escolar, mas uma opção política, que se concretiza na vida da escola, equilibrando a competência na disciplina ensinada e a competência pedagógica.

Assim, a escola conquista seu espaço pela sua competência em sistematizar o saber, construir novos saberes, respeitar as culturas, valorizar e vivenciar a ética e a estética, no contexto de uma humanidade que vai se formando continuamente.

A escola seja pública ou particular deve encarar a formação continuada como uma formação que reflète sobre as práticas num caminhar dialético. Que busca fazer uma relação da teoria com a prática. Que tem uma visão mais abrangente do que fragmentada.

É um processo em movimento cíclico pessoal e coletivo, em que estão presentes as inquietações, as dúvidas, as incertezas, as certezas. E finalmente, a construção e reconstrução de um processo contínuo contextualizado, que provoca mudanças no professor, no aluno e em toda a escola.

A formação aqui defendida é que ela seja encharcada de uma concepção humanístico-crítica, que contempla as dimensões: humana, profissional e espiritual do professor.

Esta proposta aponta para a necessidade do professor se contextualizar no sentido de ler o universal, compreender o local e fazer a síntese destes contextos. Assim , o professor não se limita somente ao seu

território exclusivo de sala de aula, mas consegue ter novos horizontes, ir mais além, sair de seu “mundo”.

Aos agentes de formação continuada, esta proposta terá como didática, uma dinâmica que tem um paradigma peculiar, inspirado no processo de vida de Santo Inácio de Loyola (fundador da Companhia de Jesus). Pela sua universalidade poderá ser experimentada em sistemas de ensino com concepções humanísticas, independentes de credo, ou de rede: pública ou particular.

É uma dinâmica que favorece a reflexão, o desenvolvimento de habilidades cognitivas sem perder de vista a humanidade das pessoas.

O processo desta dinâmica se desenvolve em quatro etapas que se interagem.

A dinâmica parte:

- do **contexto** do professor, sua história, suas necessidades, tanto na dimensão pessoal, espiritual e profissional.
- da **experiência**, situações, em que o professor manifesta seus sentimentos, sua afetividade, suas relações, seus desejos. Os sentimentos se aliam à dimensão cognitiva.
- E neste processo cíclico o professor que contextualiza, experimenta, busca a **reflexão**, levantar questões, hipóteses, conjecturas. Descobre o significado do que está estudando, faz a relação do estudo com a prática. Interroga: Quais os valores que dão sentido à sua existência, à sua ação docente, aos apregoados pela instituição escolar.
- E com a reflexão, o professor é provocado à **ação**, em que socializa seus conhecimentos, partilha suas experiências, constrói novas experiências, novos saberes, novas práticas, desenvolve habilidades cognitivas e humanas.
- E neste processo contínuo, o professor **avalia** sua maturação, seu aprendizado, suas práticas, sua vida, revendo o que está sendo significativo, o que precisa mudar, corrigir, tornar melhor e assim



prosseguir sua caminhada construindo o seu “eu” na partilha com os demais.

Por acreditar que a formação continuada é projeto de vida para o docente, é importante que haja periodicamente uma auto-avaliação. Em que o docente espontaneamente se olha para si e neste mergulho, no espelho do seu aprendizado, registra como está o seu desenvolvimento. O professor tendo a iniciativa de auto-avaliar-se, de forma espontânea e livre, provocará aos facilitadores do projeto de formação continuada, o exercício de uma avaliação institucional, para uma leitura e análise de conjunto, com vistas a excelência do processo educativo. Uma atitude pessoal que sensibiliza para o coletivo.

É nesta dinâmica que cada professor assume sua formação continuada consigo mesmo e na relação com os outros companheiros (professores), alunos e outros atores. Este modo de proceder possibilitará ao professor um exercício constante e eficiente de aprendizagem, bem como competência na gerência do processo ensino-aprendizagem.

No programa de formação continuada, os professores na dinâmica do Paradigma Pedagógico Inaciano poderão escolher temáticas que despertem interesse, vontade de estudar e que possam se relacionar com as práticas pedagógicas. Isto não quer dizer que sejam temáticas só de assunto de disciplinas de ensino, mas que tenham a ver com o mundo, com as realidades presentes.

Esta proposta não invalida cursos, seminários, etc, mas só isto, não responde a excelência de uma formação continuada

É uma proposta que contempla tanto a modalidade presencial, como a distância.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o tempo utilizado com leituras, reflexões e produções de idéias sentiu-se uma experiência muito gratificante e significativa. A temática fascina muito, é muito provocadora, pois abre um imenso leque para novos conhecimentos, novas experiências, possibilidades, novos sonhos.

Este tempo foi um processo de aprendizagem que não se esgotará com a conclusão desta monografia. É um processo contínuo, sendo inesgotável, inacabado.

Ao mesmo tempo, acredita-se nas mudanças das escolas, através da formação continuada, porém, têm-se dúvidas e paira uma certa incerteza, uma certa inquietação.

Entende-se que a escola só poderá tornar-se um lugar de mudança se construída progressiva e coletivamente, se todos os seus atores assumirem o Projeto com uma postura político-pedagógica.

Sem nenhuma dúvida, a escola nas quais os professores preparam-se para enfrentar as incertezas e os conflitos que acompanham toda mudança de práticas, de paradigmas, não apenas têm melhor desempenho, como também conseguem desenvolver gradualmente competências coletivas.

À medida que o professor se conscientiza que a formação continuada é um processo que acompanha toda a vida, e que as mudanças pessoais têm influências nas mudanças locais e vice-versa, a instituição escolar vai tendo uma nova roupagem, um novo perfil, os pintores vão desenhando e pintando uma nova escola com novas concepções de educação que são legitimadas pela formação continuada.

As abordagens durante as reflexões foram muito mais na linha de uma formação continuada, porque o propósito foi esse, mas é necessário descobrir se a formação inicial está sendo deficitária para o professor quando do exercício de sua profissão.

Como gestora de formação continuada em uma instituição particular destinada à Educação Básica, percebe-se cada vez mais que a Universidade está colocando nas escolas, professores com grandes lacunas na formação inicial, nas dimensões: técnica, humana, ética e estética.

Os professores, em sua maioria, ainda valorizam mais o diploma, do que é significativo, da aquisição de novos conhecimentos, da busca de novas reflexões com vistas à socialização, à construção. Às vezes, o professor não tem uma posição política diante do estudo quando a escola cria este espaço. Ele precisa sair do individualismo, de uma certa insensibilidade, de uma certa letargia.

O professor deve ser um profissional que sabe disponibilizar suas competências em situações as mais complexas. Um profissional, que não seja escravo, cristalizado, mas livre, crítico um inventor de estratégias, visando a transformação do processo educativo.

O estudo fez descobrir a rica literatura destinada à formação continuada, que apesar de não ser uma temática recente, no momento, muitos teóricos nacionais e internacionais estão pesquisando e investigando sobre o tema, com novas abordagens, questionamentos, concepções. Demonstra assim, que é uma reflexão que merece provocações na instituição escolar, enfim na abrangência da educação.

Olhar a formação continuada é ter a pessoa humana situada no foco do aprender sempre e durante toda a vida. É sonhar com uma escola que valoriza a pessoa do professor em todas as dimensões da vida; sujeito capaz de enfrentar os obstáculos que nascem interna e externamente, com a perspectiva de uma construção individual e coletiva do saber conceitual, do saber pedagógico, da experiência e finalmente de uma história pedagógica que se contextualiza na humanidade das pessoas, agentes do processo educativo.

A formação continuada que se restringe apenas em cursos, seminários desvinculados da prática, não ajudará em mudanças mais consistentes e comprometidas. É importante que haja valorização da prática do professor como momento de construção de conhecimento, através da reflexão, análise e problematização.

Comunga-se com o dizer de Schön (apud Nóvoa,1995) *a valorização da prática na formação dos profissionais; mas uma prática refletida que lhes possibilite responder às situações novas, nas situações de incerteza e indefinição. É importante propor um programa de formação que desenvolva a capacidade de refletir.*

Parece que os programas de formação continuada estão ainda na condução de momentos, pontuados, não possibilitando sentir ressonância nas práticas docentes , do que é estudado, refletido.

Não dar para sentir através das escolas pesquisadas que os professores estão adquirindo novas posturas de investigação e de produção.

Percebe-se um discurso atualizado, teoricamente, com alguns “chavões” de teóricos muito mais forte nas escolas particulares do que nas escolas públicas.

Ainda há resistência por parte de muitos professores, no que se refere ao estudo, à reflexão, à produção; devido uma certa acomodação, uma “preguiça mental”, uma falta de consciência crítica diante do contexto atual. É urgente e necessário que o professor tenha consciência que a Escola de ontem não responde à Escola de hoje e nem tampouco a do futuro, que nos é incerto.

Futuramente, o professor não reflexivo, resistente às mudanças, inconsciente da dimensão histórica da humanidade, analfabeto político está fadado a ficar à margem não só da escola, mas de todo o espaço educacional.

Hoje, a escola tem que enfrentar novos desafios, as exigências da sociedade, para dar conta dos apelos que emergem no processo de formação da pessoa do aluno, do professor, em todas as dimensões da vida.

Existem outras agências do conhecimento que competem com a Escola, e surgem no mercado com muita força de persuasão e poder. É preciso pensar e repensar continuamente o modo de proceder o ensinar e o aprender do corpo docente, que sem nenhuma dúvida intervirá no cotidiano da Escola.

A Escola deve ter competência quanto à sua relação com os pais, considerando que estes são seus aliados, parceiros, diante da complexidade do ato de educar.

Para que a escola consiga desenvolver coerentemente o seu Projeto Pedagógico, é importante que não haja descompasso e um percurso enviesado entre os valores proclamados pela escola e os pais.

A formação continuada quando assumida politicamente por todos os atores que constituem a comunidade educativa, terá como cenário, as mudanças reais e necessárias focalizadas e que contagiarão nas mudanças mais globais, num processo contextualizado de ir e vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel (Org.). *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*, 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. 144p.

ANDRÉ, Marli (Org.). *O Papel da Pesquisa na Formação e na Prática dos Professores*, 1.ed. Campinas:Papirus, 2001.56p.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CANDAU, Vera Maria (Org.). *Rumo a uma nova Didática*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 205p.

CARACTERÍSTICAS da *Educação da Companhia de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

CARTA dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina: *Neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1996.

DELORS, Jacques. (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001. 287p.

FURTER, Pierre. *Educação permanente e desenvolvimento cultural*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

GATHER, Mônica, Thurler. *Inovar no interior da escola*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GIROUX, A. Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma Pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MORRIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. In: ALMEIDA, de Maria da Conceição; CARVALHO, Edgard de Assis (Orgs.). 5. ed. São Paulo:Cortez, 2002, 102p.

NÓVOA, António. (Org.). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1995,158p.

PEDAGOGIA *Inaciana: uma proposta prática*, São Paulo: Loyola, 1993.

PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência , decidir na incerteza*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *A prática reflexiva no ofício de professor. Profissionalização e razão pedagógica.* Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____; PAQUAY, Léopold; ALTET, Marguerite; CHARLIER, Évelyne (Org.). *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?*, Porto Alegre: 2. ed. Artmed, 2001. 224p.

_____; GATHER Mônica Thurler. *As competências para ensinar no século XXI : a formação dos professores e o desafio da avaliação.* Porto Alegre: Artmed, 2002. 176p.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito,* São Paulo: Cortez, 2002. 224p.

SAUL, Ana Maria (Org.). *Paulo Freire e a formação de educadores:múltiplos olhares.* 2. ed. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2001. 359p.

SAVIANI, Demerval. *Educação : do senso comum à consciência filosófica.* Campinas / SP: 5. ed. Cortez, 1985.

ANEXOS